

intrinseca

Celeste Ng

OS

CORACÕES

PERDIDOS



Celeste Ng

OS

CORAÇÕES

PERDIDOS

TRADUÇÃO DE  
FERNANDA ABREU



Copyright © 2022 by Celeste Ng

TÍTULO ORIGINAL  
Our Missing Hearts

COPIDESQUE  
Iuri Pavan

REVISÃO  
Midori Hatai  
Carolina Vaz

DIAGRAMAÇÃO  
Juliana Brandt

IMAGEM DE CAPA  
Nick Orr Art

DESIGN DE CAPA  
Hannah Wood – LBBG

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

N479c

Ng, Celeste

Os corações perdidos / Celeste Ng ; tradução Fernanda Abreu. -  
Rio de Janeiro : Intrínseca, 2023.



Tradução de: Our missing hearts  
ISBN 978-65-5560-836-6

1. Ficção americana. I. Abreu, Fernanda. II. Título.

22-81397

CDD: 813  
CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2023]

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.  
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar  
22451-041 – Gávea  
Rio de Janeiro – RJ  
Tel./Fax: (21) 3206-7400  
www.intrinseca.com.br

*um*

A carta chegou numa sexta-feira. Aberta e relacrada com um adesivo, lógico, como todas as suas cartas: *Inspecionado para sua segurança* — PACT. Ela causara uma pequena confusão na agência de correio: um funcionário havia aberto a carta que estava dentro do envelope, examinado e passado para o supervisor e depois para o chefe. Mas a carta acabou sendo considerada inofensiva e encaminhada. Sem endereço do remetente, apenas um carimbo postal de Nova York, NY, de seis dias antes. Na parte externa, o seu nome, Bird; por causa disso, ele soube que era uma carta da mãe.

Faz muito tempo que ele não é Bird.

A gente batizou você de *Noah* em homenagem ao seu avô, sua mãe lhe contara uma vez. *Bird* foi você mesmo quem inventou.

A palavra que, quando ele dizia, sentia que era parte de seu ser. Algo que não pertencia ao planeta Terra, uma coisa pequena e breve. Um pio curioso, um eu que se fechava nas bordas.

A escola não tinha gostado. Bird não é nome, eles disseram, o nome dele é Noah. Sua professora do jardim de infância reclamou, bufando: Ele não responde quando eu chamo. Só responde se eu o chamar de Bird.

É porque o nome dele é Bird, respondeu a mãe. Ele atende por Bird, então sugiro que a senhora o chame assim, a certidão de nascimento que se dane. Ela rasurava com canetinha toda advertência que vinha para casa, riscando *Noah* da linha pontilhada e escrevendo *Bird* no lugar.

Sua mãe era assim: uma fera indomável quando o filho precisava dela.

No fim, a escola acabou aceitando, embora, depois disso, a professora tenha passado a escrever Bird entre aspas, como o apelido de um mafioso. *Querido “Bird”, lembre-se, por favor, de pedir que sua mãe assine sua autorização de saída. Caros sr. e sra. Gardner, “Bird” é educado e estudioso, mas precisa participar mais em sala de aula. Foi só aos nove anos, depois que sua mãe foi embora, que ele virou Noah.*

Seu pai diz que é melhor assim e não deixa mais ninguém chamá-lo de Bird.

Se alguém te chamar assim, você corrige, diz ele. Peça desculpas e diga que seu nome não é esse.

Foi uma das muitas mudanças que aconteceram depois que a sua mãe foi embora. Um apartamento novo, uma escola nova, um emprego novo para o pai. Uma vida inteiramente nova. Era como se o seu pai quisesse transformar a vida deles por completo, e se um dia sua mãe decidisse voltar, não saberia onde encontrá-los.

No ano anterior, ele havia cruzado com sua antiga professora do jardim de infância na volta para casa. Ah, oi, Noah, tudo bem com você?, e ele não soube dizer se ela falara com arrogância ou pena.

Ele está com doze anos agora; já tem três que é Noah, mas *Noah* continua parecendo uma daquelas máscaras de Halloween, um troço borrachudo e esquisito que ele não sabe direito como usar.

Agora, de repente: uma carta da mãe. A letra parece a dela... e mais ninguém o chamaria assim. *Bird*. Depois de todos aqueles anos, ele

às vezes esquecia a voz dela; quando tentava relembrá-la, ela fugia como uma sombra se dissolvendo na escuridão.

Bird abre o envelope com as mãos trêmulas. Três anos sem nenhuma mensagem sequer, mas ele enfim vai entender por que ela foi embora e onde esteve.

Porém, dentro do envelope não há nada a não ser um desenho. Uma folha de papel coberta de cima a baixo com desenhos do tamanho de uma moeda: gatos. Gatos grandes, gatos pequenos, gatos listrados, tricolores e frajolas, sentados retinhos, lambendo as patas, relaxando no sol. Rabiscos, na verdade, como os que sua mãe fazia na sua lancheira anos antes, como os que ele às vezes faz em seus cadernos escolares hoje. Pouco mais do que algumas linhas curvas, mas reconhecíveis. Ela está viva. Só isso. Nenhum recado, nem mesmo palavras, só gatos e mais gatos rabiscados com caneta. Algo naquilo mexe com a sua memória, mas ele não consegue identificar exatamente o quê.

Ele vira o papel à procura de pistas, mas o verso está em branco.

Você tem alguma lembrança da sua mãe?, Sadie lhe perguntara um dia. Eles estavam no parquinho, no alto do trepa-trepa, com o escorrega se estendendo diante deles. Era o quinto ano, a última vez em que teriam recreio. Tudo àquela altura já se tornara pequeno demais para eles, já não eram mais criancinhas. Eles observavam os colegas correrem uns atrás dos outros pelo pátio gritando “um, dois, três, lá vou eu”.

A verdade era que ele lembrava, sim, mas não sentia vontade de compartilhar, nem mesmo com Sadie. A ausência de mãe os havia unido, mas era diferente o que tinha acontecido com cada um deles. Com suas mães.

Não muito, respondera ele, e você, se lembra da sua?

Sadie segurou a barra acima do escorrega e se suspendeu como quem faz um exercício de barra.

Só lembro que ela era uma heroína, disse ela.

Bird ficou quieto. Todo mundo sabia que os pais de Sadie tinham sido considerados inaptos para criá-la e que fora assim que ela acabara sendo levada à sua família de acolhimento e para a escola onde os dois estudavam. Contavam todo tipo de história sobre os pais dela: que embora a mãe de Sadie fosse preta e o pai fosse branco, eles eram simpatizantes dos chineses que queriam vender o país. E havia muitas histórias sobre Sadie também: que, quando os assistentes sociais foram buscá-la, ela havia mordido um e voltado aos gritos para os pais e que os assistentes precisaram arrastá-la algemada. Que aquela não era sua primeira família de acolhimento, que ela fora devolvida mais de uma vez por causar muitos problemas. Que, mesmo depois de perderem a filha, eles continuaram tentando derrubar a PACT, como se não se importassem em conseguir Sadie de volta; que eles tinham sido presos e estavam na cadeia em algum lugar. Ele desconfiava que houvesse histórias a seu respeito também, mas não queria saber.

De qualquer forma, continuou Sadie, assim que eu tiver idade para isso, vou voltar para minha cidade, Baltimore, e encontrar os dois.

Apesar de eles estarem na mesma turma, ela era um ano mais velha do que Bird e nunca o deixava se esquecer disso. Ela teve que repetir de ano, cochichavam os pais na hora da saída com a voz cheia de pena. Por causa da *criação* dela. Mas nem mesmo um recomeço conseguia fazê-la andar na linha.

Como?, tinha perguntado Bird.

Sadie não respondeu e, depois de um minuto, soltou a barra do escorrega e aterrissou ao seu lado, com um ar desafiador. No ano seguinte, bem quando as aulas estavam terminando, Sadie sumiu, e agora, no sétimo ano, Bird está sozinho outra vez.

São cinco horas, seu pai logo chegará em casa e, se vir a carta, vai obrigar Bird a queimá-la. Eles não têm nenhum pertence de sua mãe, nem mesmo roupas. Depois que ela foi embora, seu pai jogou



os livros dela na lareira, destruiu o celular que ela havia deixado e amontoou todas as outras coisas dela na calçada junto ao meio-fio. Esqueça que ela existe, ele tinha dito. De manhã, as pessoas em situação de rua já tinham feito uma limpa na pilha. Seu pai se livrou até da cama na qual dormia junto com a mãe, e umas semanas depois, eles se mudaram para o apartamento no *campus*. Seu pai agora dorme numa beliche, debaixo de Bird.

Ele mesmo deveria queimar a carta. Não é seguro deixar nada dela por aí. Mais do que isso: quando ele vê seu nome, seu antigo nome, escrito no envelope, uma porta dentro dele abre uma fresta e uma corrente de ar começa a entrar. Às vezes, quando ele vê silhuetas encolhidas na calçada, as examina em busca de algo familiar. Às vezes encontra alguma coisa — um lenço de bolinhas, uma saia vermelha florida, um chapéu de feltro enfiado até os olhos — e, por um segundo, acha que é ela. Seria mais fácil se ela tivesse partido para sempre, se nunca mais voltasse.

A chave do seu pai arranha a fechadura, forçando o mecanismo emperrado.

Bird corre para o quarto, levanta as cobertas da cama e esconde a carta dentro da fronha do travesseiro.

Ele não se lembra muito da mãe, mas de uma coisa ele tem certeza: ela sempre tinha um plano. Não teria encontrado seu endereço novo e corrido o risco de lhe escrever sem um motivo. Aquela carta devia significar alguma coisa. Ele não para de repetir isso para si mesmo.

Ela os havia deixado, era só o que o seu pai dizia.

E então, ajoelhando-se para olhar Bird nos olhos, ele disse: É melhor assim. Esqueça que ela existe. Eu não vou embora, é só isso que você precisa saber.

Na época, Bird não soubera o que ela havia feito. Tudo o que sabia era que tinha passado semanas escutando a voz abafada dos

pais na cozinha bem depois da sua hora de dormir. Normalmente, o murmúrio o relaxava e o fazia adormecer em minutos, um sinal de que estava tudo bem. Mas, nos últimos tempos, tinha virado um cabo de guerra: primeiro a voz do pai, depois a da mãe, preparando-se para o embate, cerrando os dentes.

Já então ele tinha entendido que era melhor não fazer perguntas. Simplesmente assentia e deixava o pai puxá-lo para um abraço quente e aconchegante.

Só depois ficou sabendo a verdade, jogada na sua cara no parque como uma pedra: Sua mãe é uma traidora, disse D. J. Pierce, cuspidando no chão perto dos pés de Bird.

Todo mundo sabia que sua mãe era de origem asiática. Japa, como algumas crianças chamavam. Isso não era novidade. Dava para ver no rosto de Bird, se você prestasse atenção nas partes que ele não puxara do pai, como as maçãs do rosto e o formato dos olhos. Ter origem asiática em si não era crime, lembravam as autoridades. A PACT não tem a ver com raça, vivia dizendo o presidente, tem a ver com patriotismo e mentalidade.

Mas a sua mãe começou a protestar, dissera D. J. Meus pais que me contaram. Ela era um perigo para a sociedade, e eles estavam indo atrás dela, foi por isso que ela fugiu.

Seu pai o havia alertado sobre isso. As pessoas vão falar várias coisas, ele dissera a Bird. Concentre-se na escola. Diga que não temos nada a ver com ela. Diga que ela não faz mais parte da sua vida.

Ele tinha obedecido.

*Meu pai e eu não temos nada a ver com ela. Ela não faz mais parte da minha vida.*

O coração ficou pequenininho e rangeu no peito. No chão do pátio, o cuspe de D. J. reluziu e espumou.

\* \* \*

Quando seu pai entra no apartamento, Bird está sentado à mesa com os livros da escola. Num dia normal, ele se levantaria num pulo e iria lhe dar um abraço carinhoso. Neste dia, ainda pensando na carta, ele se curva sobre o dever de casa e evita o olhar do pai.

O elevador quebrou de novo, conta seu pai.

Eles moram no décimo andar, o último, de um dos alojamentos. Um prédio mais novo, mas a universidade é tão velha que até os prédios novos são antiquados.

Nós estamos aqui desde antes de os Estados Unidos serem um país, seu pai gosta de dizer. Ele fala *nós* como se ainda fizesse parte do corpo docente, mas já faz muitos anos que não é. Ele agora trabalha na biblioteca da universidade, atualizando registros e guardando livros nas estantes, e ganhou o apartamento junto com o emprego. Bird entende que isso é uma vantagem, que a remuneração por hora do pai é baixa e o dinheiro é pouco, mas, para ele, o benefício não parece grande coisa. Eles antes tinham uma casa inteira, com quintal e jardim. Agora têm um alojamento estudantil com dois cômodos minúsculos: um só quarto, que ele e o pai compartilham, e uma sala com uma minicozinha num canto. Um fogão de duas bocas e um frigobar pequeno demais, onde não cabe nem uma embalagem de leite em pé. No apartamento de baixo, a rotatividade é alta: todo ano eles têm vizinhos novos; quando começam a reconhecer as pessoas, elas vão embora. No verão, não tem ar-condicionado; no inverno, os aquecedores estalam quando ligados no máximo. E, quando o elevador temperamental se recusa a funcionar, o único jeito de subir ou descer é de escada.

Bom, diz seu pai, levando uma das mãos até o nó da gravata para soltá-lo. Vou avisar ao zelador.

Bird se concentra no dever de casa, mas consegue sentir os olhos do pai fixos nele, esperando que ele levante a cabeça. Ele não se atreve.

O dever de inglês de hoje: *Em um parágrafo, explique o que significa PACT e por que ela é crucial para a segurança nacional. Dê três exemplos específicos.* Ele sabe exatamente o que deve responder; eles estudam isso na escola todo ano. A Lei de Preservação da Cultura e das Tradições Norte-Americanas — na sigla em inglês, PACT. No jardim de infância, eles chamavam a lei de promessa: *Prometemos proteger os valores norte-americanos. Prometemos tomar conta uns dos outros.* Todo ano eles aprendem a mesma coisa, só que com palavras mais compridas. Durante aquelas aulas, os professores costumavam olhar para Bird descaradamente, e o resto da turma fazia o mesmo.

Ele empurra a redação para o lado e passa a se concentrar na matemática. *Suponha que o PIB dos Estados Unidos seja de quinze trilhões de dólares e cresça 6% ao ano. Se o PIB dos Estados Unidos for de vinte e quatro trilhões de dólares, mas crescer apenas 2% ao ano, quantos anos vai demorar para o PIB da China ultrapassar o dos Estados Unidos? É mais fácil quando há números.* Quando ele pode ter certeza do certo e do errado.

Está tudo bem, Noah?, pergunta seu pai, e Bird assente e faz um gesto vago na direção do caderno.

Só muito dever, diz ele, e seu pai, aparentemente satisfeito com a resposta, entra no quarto para trocar de roupa.

Bird desenha um quadrado bem-feito ao redor do resultado. De nada adianta contar ao pai sobre o seu dia: todos os dias são iguais. O trajeto a pé até a escola pelo mesmo caminho. O juramento, o hino, andar até a sala arrastando os pés e mantendo a cabeça baixa, tentar não chamar atenção no corredor, nunca levantar a mão. Nos melhores dias, ele é ignorado por todos; na maioria dos dias, ele é alvo de provocações ou de pena. Ele não sabe qual dos dois é pior, mas culpa a mãe por ambos.

Tampouco adianta perguntar ao pai como foi o dia dele. Até onde ele sabe, os dias do pai também são sempre iguais: empurrar o carrinho por entre as estantes, guardar um livro no lugar, fazer tudo

de novo. Na sala das devoluções, outro carrinho estará à espera. Como Sísifo, disse seu pai assim que começou. Ele lecionava linguística; adora livros e palavras; é fluente em seis idiomas e consegue ler em mais oito. Foi ele quem contou a Bird a história de Sísifo, que passou a eternidade rolando encosta acima a mesma pedra. Seu pai adora mitos, raízes latinas obscuras e palavras tão compridas que é preciso treinar para poder desfiá-las como um terço. Ele costumava interromper as próprias frases para explicar um termo complicado, para divagar sobre o próprio raciocínio e contar a Bird sua etimologia, de onde ela tinha vindo, como fora sua vida inteira e quem eram seus irmãos e irmãs, primos e primas. Descascando as camadas da semântica. No passado, Bird adorava isso, quando era mais novo, quando o pai ainda era professor universitário e a mãe ainda estava em casa e tudo era diferente. Quando ele ainda achava que as histórias explicavam alguma coisa.

Ultimamente, seu pai não fala muito sobre palavras. Volta cansado dos longos dias na biblioteca, que forcem seus olhos até que fiquem ardidados; chega envolto em silêncio, como se o tivesse pegado das prateleiras, do ar frio parado e com cheiro adocicado, da obscuridade no cangote da pessoa que a única luminária em cada corredor mal-iluminado conseguia dissipar. Bird não pergunta nada ao pai pelo mesmo motivo que o pai não gosta de falar sobre a mãe: ambos preferem não sentir falta das coisas que não podem ter de volta.

Mesmo assim, ela volta em flashes repentinos. Como pedacinhos de sonhos lembrados pela metade.

Sua risada, súbita como o grunhido de uma foca, uma irrupção ruidosa que lançava sua cabeça inteira para trás. Deselegante, dizia ela com orgulho. O modo como ela tamborilava os dedos quando estava pensando, os pensamentos tão irrequietos que ela não conseguia ficar

parada. E então, esta lembrança. Tarde da noite, Bird sofrendo com um forte resfriado. Acordando suado, em pânico, tossindo e chorando, com o peito cheio de catarro. Certo de que iria morrer. A mãe cobrindo o abajur da mesa de cabeceira com uma toalha, aninhando-se ao seu lado, encostando a bochecha fria na sua testa. Abraçando-o até ele pegar no sono, abraçando-o a noite inteira. Toda vez que ele despertava de leve, os braços dela ainda estavam à sua volta, e o medo que crescia dentro de si se tornava suportável.

Eles se sentam à mesa juntos, Bird tamborilando um lápis na folha do dever de casa, o pai passando os olhos atentamente pelo jornal. Todo o resto do mundo vê as notícias na internet, deslizando a tela para ler as principais manchetes, tirando celulares do bolso ao ouvir uma notificação de notícia urgente. Antes, seu pai também fazia isso, mas, depois que eles se mudaram, ele se livrou do celular e do notebook. É que eu sou das antigas, só isso, respondeu ele quando Bird perguntou. Ultimamente, ele lê o jornal do início ao fim. Cada palavra, diz ele, todo santo dia. É o mais perto que ele chega de se gabar. Entre um problema e outro, Bird tenta não olhar para o quarto, onde a carta está escondida. Em vez disso, fica estudando as manchetes da primeira página que o separa do pai: “Vigilância de bairro frustra potencial manifestação em Washington.”

Bird calcula. *Se um carro coreano custa quinze mil dólares, mas dura apenas três anos, ao passo que um carro norte-americano custa vinte mil dólares, mas dura dez anos, quanto seria poupado ao longo de cinquenta anos comprando somente carros norte-americanos? Se um vírus se propagar exponencialmente por uma população de dez milhões de pessoas e dobrar sua taxa de crescimento a cada dia...*

Do outro lado da mesa, seu pai inverte o jornal.

Falta só a redação. Aos trancos, Bird vai cumprindo as instruções do enunciado e constrói um parágrafo tosco sem estilo algum.

*A PACT é uma lei muito importante, que pôs fim à Crise e que mantém nosso país seguro, porque...*

Ele fica aliviado quando o pai dobra o jornal e olha para o relógio, momento em que pode abandonar a redação e pousar o lápis.

Quase seis e meia, diz seu pai. Venha, vamos sair para comer alguma coisa.

Eles atravessam a rua em direção ao refeitório. Mais uma suposta vantagem do emprego: ninguém precisa cozinhar, o que é prático para um pai solteiro. Se algum atraso imprevisto acontecer e eles perderem o horário do jantar, seu pai improvisa: pega uma caixa azul de macarrão no armário e prepara uma refeição que provavelmente não vai deixar nenhum dos dois satisfeitos. Antes de sua mãe ir embora, eles faziam as refeições juntos, os três ao redor da mesa da cozinha, seus pais conversando e rindo enquanto comiam, depois sua mãe cantava baixinho enquanto lavava a louça e o pai secava.

Eles encontram um canto no fundo do refeitório onde podem comer sozinhos. Os alunos ao redor estão em grupos de dois ou três, e o burburinho de suas conversas sussurradas parece uma corrente de ar no recinto. Bird não reconhece ninguém pelo nome e só uns poucos de vista; não tem o costume de encarar os outros. Continue andando, é o que o pai sempre lhe diz quando alguém os observa, seus olhares parecendo centopeias no rosto de Bird. Ele se sente grato por ninguém esperar que ele cumprimente os alunos ou que jogue conversa fora. Eles tampouco sabem o seu nome, e, de qualquer forma, quando o ano terminar, todos terão ido embora.

Os dois estão quase terminando de comer quando uma confusão irrompe do lado de fora. Algo se arrastando e batendo, um barulho de pneus derrapando. Sirenes.

Fique aqui, pede o pai de Bird. Ele corre até a janela e se junta aos alunos que já estão reunidos ali para observar a rua. Por todo o refeitório, os pratos abandonados esfriam. Luzes azuis e brancas piscam no teto e nas paredes. Bird não se levanta. Seja o que for, vai passar. Não se meta em encrenca, o pai sempre lhe diz, o que significa não fazer nada que possa atrair atenção. Se vir alguma encrenca, dê meia-volta, aconselhou certa vez. Esse é o seu pai, andando pela vida a passos arrastados, com a cabeça baixa.

Mas os murmúrios no refeitório vão ficando mais altos. Mais sirenes, mais luzes lançando sombras que crescem e se destacam monstruosas no teto. Lá fora, uma confusão de vozes zangadas e o barulho de corpos se movimentando, de botas na calçada. Ele nunca escutou nada como aquilo, e parte dele quer correr até a janela para ver o que está acontecendo. A outra parte quer se encolher debaixo da mesa e se esconder, como a criaturinha amedrontada que ele de repente tem consciência de que é. Da rua vem o som arranhado de um megafone: *Aqui é a Polícia de Cambridge. Por favor, fiquem onde estão. Afastem-se das janelas até segunda ordem.*

Por todos os lados, alunos correm de volta para suas mesas, e Peggy, gerente do refeitório, circula pelo recinto, fechando as cortinas. O ar é tomado por cochichos. Bird imagina uma multidão irada do lado de fora, barricadas feitas com lixo e móveis, coquetéis molotov e labaredas. Todas as fotos da Crise que eles estudaram na escola ganham vida. Ele fica batendo o joelho contra o pé da mesa até o pai voltar, e o movimento então se transfere para dentro dele, para a parte oca de seu peito.

O que está acontecendo?, pergunta Bird.

Seu pai balança a cabeça.

Algum tumulto, responde ele. Eu acho. Então repara nos olhos arregalados de Bird: Está tudo bem, Noah. As autoridades já chegaram. Está tudo sob controle.



Durante a Crise, aconteciam tumultos o tempo inteiro; eles aprendem isso na escola todo ano, desde que tem memória. Todos desempregados, fábricas paradas, escassez de todo tipo; multidões haviam saqueado lojas e tomado as ruas com protestos, incendiando bairros inteiros. A nação paralisada pelo caos.

Impossível ter uma vida produtiva, comentara seu professor de estudos sociais.

Ele tinha avançado para outro slide, projetado no quadro. Destroços pelas ruas, vitrines estilhaçadas. Um tanque em plena Wall Street. Fumaça subindo numa névoa alaranjada sob o Arco de Saint Louis.

É por isso, jovens damas e cavalheiros, que vocês têm sorte de viver numa época em que a PACT tornou os protestos violentos uma coisa do passado.

E é verdade: durante a maior parte da vida de Bird, os tumultos foram raros, quase inexistentes. A PACT está em vigor há mais de uma década, aprovada com maioria esmagadora tanto na Câmara quanto no Senado, sancionada pelo presidente em tempo recorde. As pesquisas continuam mostrando um imenso apoio da população.

Porém, ao longo daqueles últimos meses, coisas estranhas têm acontecido por toda parte; não greves, passeatas e protestos sobre os quais aprendemos na escola, mas algo inédito. Eventos incomuns e aparentemente sem propósito, bizarros demais para não serem relatados, todos anônimos, todos direcionados à PACT em si. Em Memphis, pessoas de balaclava derrubaram um caminhão-caçamba carregado de bolinhas de pingue-pongue no rio e fugiram, deixando em seu rastro um lençol de esferas brancas. Cada qual com um coração vermelho em miniatura desenhado acima das palavras “Fora PACT”. Na semana anterior, dois drones es-

tenderam uma faixa na ponte do Brooklyn, de um arco a outro. “PACT é o caralho”, dizia. Em meia hora, a polícia havia fechado a ponte, estacionado um elevador de lança até os pilares e removido a faixa, mas Bird tinha visto as fotos que vazaram na internet. Todos os blogs e sites de notícias as publicaram, e até alguns jornais. A grande faixa de letras pretas graúdas e, abaixo delas, um coração vermelho borrado parecendo uma mancha de sangue.

Em Nova York, o engarrafamento durara horas por causa do fechamento da ponte. Pessoas tinham postado vídeos de filas imensas de carros, uma corrente de luzes vermelhas que se estendia noite adentro. Só chegamos em casa à meia-noite, disse um motorista aos repórteres. Olheiras acentuadas marcavam seu rosto. Ficamos praticamente reféns, disse ele, e ninguém sabia o que estava acontecendo... enfim, parecia terrorismo. Os noticiários calcularam a gasolina desperdiçada, o monóxido de carbono liberado, o custo econômico daquelas horas perdidas. Dizem que as pessoas encontram bolinhas de pingue-pongue boiando no rio Mississippi até hoje; a polícia de Memphis divulgou a foto de um pato que, segundo ela, havia morrido engasgado, a goela estufada com massas parecendo tumores.

Um comportamento absolutamente inaceitável, dissera fungando seu professor de estudos sociais. Se algum de vocês um dia souber de alguém que está planejando um tumulto assim, seu dever cívico pela PACT é denunciar às autoridades.

Eles ouviram um sermão improvisado e receberam um dever a mais para fazer: *Redija um texto de cinco parágrafos explicando como as perturbações recentes da paz puseram em risco a segurança pública de todos.* A mão de Bird tinha se fechado numa cãibra.

E eis ali um tumulto bem do lado de fora do refeitório. Bird sente pavor e fascínio ao mesmo tempo. O que será aquilo? Um ataque? Um protesto? Uma bomba?

Do outro lado da mesa, seu pai segura sua mão. Algo que ele fazia com frequência quando Bird era mais novo e que quase não faz mais, agora que o filho cresceu. Um gesto que Bird secretamente sente falta. A mão do pai é macia e sem calos, a mão de um homem que trabalha com a mente. Seus dedos, cálidos e fortes, se fecham em volta dos de Bird para imobilizá-los suavemente.

Sabe de onde vem essa palavra, *disruption*, perturbação?, pergunta o pai. O *dis* significa *separado*. Como em *distender*, *desmembrar*.

O hábito mais antigo do pai: desmontar palavras como relógios antigos para exhibir as engrenagens ainda girando lá dentro. Ele está tentando acalmar Bird, como se estivesse contando uma história para dormir. Para distraí-lo, talvez até para distrair a si mesmo.

E *rupt*: romper. Como em *erupção*, uma explosão; *ininterrupto*, algo que não se interrompe; *abrupto*, algo repentino.

A animação faz a voz do pai subir meia oitava, como uma corda de violão sendo afinada. Então, na verdade, *disruption* significa *despedaçar*, completa ele. Espatifar.

Bird pensa em trilhos de trem arrancados do chão, autoestradas fechadas por barricadas, edifícios vindo abaixo. Pensa nas fotos que lhe mostraram na escola, de manifestantes atirando pedras e tropas de choque agachadas atrás de uma parede de escudos. Do lado de fora, eles ouvem os guinchos inconfundíveis dos rádios da polícia, vozes entrando e saindo do raio de alcance da sua audição. À sua volta, os alunos estão curvados sobre o celular, em busca de explicações e postando atualizações.

Está tudo bem, Noah, diz seu pai. Vai acabar já, já. Não tem por que ter medo.

Eu não estou com medo, diz Bird. E não está mesmo, não exatamente. Não é o medo que se espalha por sua pele feito uma teia de aranha. É como a eletricidade no ar antes de uma tempestade, uma espécie de potência colossal e impressionante.

Uns vinte minutos mais tarde, outro anúncio pelo megafone crepita através das cortinas fechadas e das janelas antirruído. *É seguro retomar as atividades normais. Por favor, notifiquem as autoridades sobre qualquer outra atividade suspeita.*

Os alunos começam a ir embora do refeitório aos poucos, depositando as bandejas na estação de higienização e partindo apressados para seus quartos no alojamento, reclamando do atraso. Já passa das oito e meia, e todo mundo de repente tem algum outro lugar para ir. Enquanto Bird e seu pai recolhem suas coisas, Peggy começa a reabrir as cortinas para revelar a rua escurecida. Atrás dela, outros funcionários do refeitório correm de mesa em mesa com panos de prato e sprays de desinfetante; outro varre depressa o chão de ladrilhos para recolher os cereais e as migalhas de pão.

Eu abro para você, Peggy, diz o pai de Bird, e Peggy meneia a cabeça para ele, agradecida.

Cuide-se, sr. Gardner, diz Peggy, enquanto volta apressada para a cozinha. Bird se remexe, à espera, até o pai reabrir todos os pares de cortinas e eles poderem voltar para casa.

Lá fora o ar está frio e inerte. Todas as viaturas foram embora e todas as pessoas também: o quarteirão está deserto. Ele procura sinais da perturbação: crateras, prédios chamuscados, cacos de vidro. Nada. Então, quando estão atravessando a rua para voltar ao alojamento, Bird olha para o chão: pichado, vermelho-sangue em contraste com o asfalto, bem no meio do cruzamento. Do tamanho de um carro, impossível de não ver. Um coração, percebe ele, igualzinho ao da faixa no Brooklyn. E daquela vez, ao redor dele, um círculo de palavras: “Devolvam os nossos corações perdidos.”

Um formigamento percorre sua pele.

Quando eles estão atravessando, ele diminui o passo e relê as palavras. “Nossos corações perdidos”. A tinta ainda um pouco úmida gruda na sola dos seus tênis; a respiração quente gruda na sua gar-

ganta. Ele olha de relance para o pai em busca de um vislumbre de reconhecimento. Mas seu pai o puxa pelo braço. Puxa-o para longe, nem sequer olha para baixo. Evita o olhar de Bird.

Está ficando tarde, diz seu pai. Melhor a gente ir para casa.

Ela era poeta, a sua mãe.

Uma poeta famosa, acrescentara Sadie, e ele dera de ombros. Isso lá existia?

Está de brincadeira?, retrucara Sadie. Todo mundo já ouviu falar em Margaret Miu.

Ela pensou um pouco.

Bom, continuara ela, todo mundo pelo menos já conhece o poema dela.

No início fora só uma expressão, igual a qualquer outra.

Pouco depois de a sua mãe ir embora, Bird havia encontrado um pedacinho de papel no ônibus, fino feito a asa de uma borboleta morta, enfiado no vão entre o assento e a lataria. Um de dezenas. Seu pai o arrancou de sua mão, amassou e jogou no chão.

Pare de catar lixo, Noah, ordenou ele.

Mas Bird já tinha lido as palavras escritas no topo: *os corações perdidos*.

Expressão que ele nunca havia escutado, mas que começou a surgir em outros lugares nos meses, depois anos, que sucederam a partida de sua mãe. Pichada no túnel para ciclistas, na parede da quadra de basquete, no tapume em volta de um canteiro de obras desativado havia tempos: “Não esqueçam os nossos corações perdidos.” Rabiscada nos cartazes da ronda do bairro: “Onde estão os nossos corações perdidos?” E nos panfletos que apareceram da noite para o dia numa manhã memorável presos no limpador de para-brisa dos carros estacionados, espalhados pela calçada, caí-

dos junto à base de concreto dos postes. Filipetas xerocadas do tamanho da palma da mão com apenas esta frase: “Os corações perdidos.”

No dia seguinte, já tinham pintado por cima da pichação, os cartazes tinham sido trocados, os panfletos foram varridos como folhas mortas. Tudo tão limpo que ele poderia ter imaginado a coisa toda.

Na época, aquilo não tinha nenhum significado para ele.

É um slogan anti-PACT, explicou seu pai, sucinto, quando Bird perguntou. De pessoas que querem derrubar a PACT. Pessoas malucas, acrescentara ele. Loucas de verdade.

É preciso ser louco para derrubar a PACT, concordara Bird. A PACT havia ajudado a acabar com a Crise; era ela que garantia a paz e a segurança. Até as crianças do jardim de infância sabiam disso. A PACT, na verdade, era um senso comum: se você agia contra a pátria, haveria consequências; se não agia, estava preocupado com o quê? E, se você visse ou ouvisse algo antipatriótico, seu dever era avisar às autoridades. Ele nunca conhecera um mundo sem a PACT; ela era tão inquestionável quanto a lei da gravidade, tanto quanto *Não matarás*. Não entendia como alguém podia ser contra essa lei, o que aquilo tudo tinha a ver com corações, como era possível um coração estar perdido. Como alguém poderia sobreviver sem o coração batendo dentro do peito?

Nada disso fazia sentido até ele conhecer Sadie. Que fora tirada de casa e realocada porque seus pais haviam protestado contra a PACT.

Você não sabia?, perguntou ela. Quais eram as *consequências*? Ah, Bird. Fala *sério*.

Ela cutucou com o dedo a folha que eles tinham recebido como dever de casa: Os Três Pilares da PACT. *Proíbe a promoção de valores e comportamentos antiamericanos. Exige que todos os cidadãos denunciem*

*potenciais ameaças à nossa sociedade. E ali, debaixo do dedo de Sadie: Protege as crianças de ambientes que promovam visões nocivas.*

Mesmo então, ele não quisera acreditar. Talvez houvesse algumas realocações amparadas pela PACT, mas elas não deviam acontecer com muita frequência... caso contrário, por que ninguém tocava no assunto? Lógico, de vez em quando se ouvia falar num caso como o de Sadie, mas com certeza eram exceções. Se isso acontecesse, você devia ter feito algo realmente perigoso e seu filho *precisava* ser protegido, de você e do que quer que você estivesse fazendo ou dizendo. E depois, diziam alguns, vocês acham também que os pedófilos e os agressores de crianças têm direito de ficar com os filhos?

Ele tinha dito isso a Sadie sem pensar, e ela havia se calado. Então ela pegara o sanduíche dela, feito com ele uma bola de atum e maionese e jogado na cara de Bird. Quando ele conseguiu limpar os olhos, ela já não estava por perto, e o fedor de peixe ficou entranhado nos seus cabelos e na sua roupa a tarde inteira.

Alguns dias depois, Sadie havia tirado uma coisa da mochila.

Olha só, dissera ela. As primeiras palavras que lhe dirigia desde aquele dia. Olha só o que eu achei, Bird.

Um jornal, com os cantos em frangalhos e a tinta borrada e cinza. Tinha quase dois anos. E ali, logo abaixo da dobra, uma manchete: POETA LOCAL LIGADA A MANIFESTAÇÕES. A foto da sua mãe, com uma covinha no canto do sorriso. O mundo em volta dele ficou enevoadado.

Onde você arrumou isso?, perguntara ele, e Sadie dera de ombros. Na biblioteca.

*Seu poema se tornou o lema dos protestos anti-PACT por todo o país, mas suas raízes estão aqui, assustadoramente perto de nós. A expressão cada vez mais utilizada para atacar a amplamente apoiada lei*

*de segurança nacional é uma criação da moradora Margaret Miu, tirada do seu livro de poemas Os corações perdidos. Filha de imigrantes chineses e mãe de um menino pequeno, Miu...*

Depois disso, as palavras saíram de foco.

Você sabe o que isso significa, Bird, dissera Sadie. Ela se espichou na ponta dos pés, como sempre fazia quando ficava animada. A sua mãe...

Então ele entendeu. Por que ela os havia deixado. Por que eles nunca falavam dela.

Ela está com eles, dissera Sadie. Está por aí em algum lugar. Organizando protestos. Combatendo a PACT. Trabalhando para derrubá-la e trazer as crianças de volta para casa. Igualzinho aos meus pais.

Os olhos dela escureceram e adquiriram um brilho distante. Como se ela estivesse olhando através de Bird para algo revelador logo atrás dele.

Vai ver eles estão juntos por aí, refletira ela.

Bird tinha pensado que aquilo era só uma das fantasias esperanças de Sadie. Sua mãe, líder de tudo aquilo? Improvável, para não dizer impossível. No entanto, lá estavam as suas palavras, gravadas em todos aqueles cartazes e faixas pedindo a derrubada da PACT pelo país inteiro.

Como o noticiário chamava os que protestavam contra a PACT: *subversivos insurgentes. Traidores simpatizantes de chineses. Cânceres da sociedade norte-americana*. Palavras que ele tivera de consultar no dicionário do pai na época, junto com *excisão* e *erradicar*.

Toda vez que eles viam as palavras da mãe — em matérias na imprensa, no celular de alguém —, Sadie cutucava Bird com o cotovelo como se eles tivessem visto um famoso. Índícios da mãe lá fora, em outro lugar, muito preocupada com os filhos de outras pessoas apesar de ter abandonado o próprio filho. A ironia daquilo começou a se espalhar por suas veias.



Agora não acontece mais em outro lugar. Ali estão as palavras da sua mãe, escritas na rua em vermelho-sangue. A carta dela dentro da sua fronha, lá em cima. O mesmo coração vermelho borrado da ponte do Brooklyn ali na calçada em que ele está pisando. Ele olha por cima do ombro e observa os cantos escuros do pátio, sem saber direito se o gelado na garganta é esperança ou medo, se quer correr para o abraço dela ou arrancá-la de seu esconderijo. Mas não tem ninguém ali, e seu pai o puxa pelo braço, e Bird o segue para dentro do prédio e escada acima.

De volta ao alojamento, suado e cansado por causa da subida, seu pai tira o casaco e o pendura no gancho. Bird se acomoda para terminar o dever, mas sua mente indisciplinada não para de zumbir. Ele olha para a janela em direção ao pátio lá fora, mas tudo o que consegue ver é o apartamento sem graça deles refletido na vidraça. Diante dele, sua redação inacabada se perde no espaço vazio.

Pai, chama ele.

Do outro lado da sala, seu pai ergue os olhos do livro. Está lendo um dicionário, folheando distraído as páginas, um velho hábito que Bird acha ao mesmo tempo esquisito e fofo. Muito tempo atrás, seus pais passavam aquele horário da noite no sofá com livros, e às vezes Bird se debruçava no ombro do pai, depois no da mãe, para recitar as palavras mais compridas que conseguia encontrar. Agora os dicionários eram os únicos livros no apartamento, os únicos que eles levaram quando se mudaram. Pelos olhos do pai, Bird nota que ele estava a séculos de distância, perambulando pelo passado sinuoso de alguma palavra arcaica. Ele se arrepende de tirá-lo desse lugar sereno e dourado. Mas precisa saber.

Você não, ele pigarreia, você não teve notícias dela, teve?

Por alguns instantes, o rosto do pai congela por completo. Bird não menciona o nome dela, mas não é necessário: ambos sabem de

quem ele está falando. Para os dois, só existe uma *ela*. Então seu pai fecha o dicionário com uma pancada.

É claro que não, responde ele, parando junto ao cotovelo de Bird. Debruçando-se por cima dele. Pousa uma das mãos no ombro do filho.

Ela não faz mais parte da sua vida. Para nós, ela não existe. Entendeu, Noah? Me fala que você entendeu.

Bird sabe exatamente o que deve dizer — *sim, entendi* —, mas as palavras entalam na garganta. Sua vontade é dizer: Ela faz parte, sim. Ela existe, eu não entendo, não; ela tem algo a dizer, algo a dizer *para mim*, essa é uma ponta solta que precisa ser amarrada... ou desamarrada. Nesse instante de hesitação, seu pai olha por cima do ombro de Bird para a redação inacabada sobre a mesa.

Deixa eu ver, pede ele.

Apesar de não ser mais professor universitário há anos, seu pai não consegue segurar o ímpeto de ensinar. Seu cérebro parece um cachorro grande preso numa jaula, inquieto, andando de um lado para outro, morrendo de vontade de correr. Ele já está se debruçando no dever de casa de Bird, puxando o papel por baixo do braço do filho.

Ainda não acabei, protesta Bird, e morde a borracha na ponta do lápis. Grafite e borracha se esfrelam na sua língua. Seu pai balança a cabeça.

Você precisa ser mais categórico, diz ele. Olha aqui... aqui, onde você diz que *a PACT é muito importante para a segurança nacional*. Você precisa ser bem mais específico, bem mais enfático: *a PACT é uma medida crucial para manter os Estados Unidos seguros e não deixá-los à mercê de influências estrangeiras*.

Com um dedo, ele traça uma linha, borrando a letra cursiva de Bird.

Ou aqui. Você tem que mostrar ao professor que está entendendo de verdade; não deve restar absolutamente nenhuma dúvida de

que você entendeu. *A PACT protege crianças inocentes de serem doutrinadas com ideias falsas, subversivas e antiamericanas por pais incapazes e antipatrióticos.*

Ele cutuca o papel.

Vamos, diz o pai, espetando a folha solta com o dedo. Escreve isso.

Bird encara o pai de volta com o maxilar contraído e os olhos rai-vosos e dilatados. Ele nunca teve aquela reação: duas pedras maciças produzindo faíscas.

Escreve, repete o pai, e Bird obedece. O pai solta uma expiração profunda e vai para o quarto com o dicionário na mão.

Depois de acabar o dever e escovar os dentes, Bird apaga as luzes do apartamento e se esgueira atrás das cortinas. Dali consegue ver o refeitório do outro lado da rua, fechado agora, iluminado apenas pelo fraco brilho vermelho das sinalizações de saída lá dentro. Enquanto ele observa, um caminhão encosta no meio-fio e apaga os faróis. A silhueta escura de um homem salta, leva alguma coisa até o meio da rua e começa a trabalhar. Bird demora um minuto para entender o que está acontecendo. A coisa é um balde de tinta e um rolo grande. Ele está pintando por cima do coração, e de manhã o desenho terá sumido.

Noah, chama seu pai da porta do quarto. Hora de dormir.

Nessa noite, enquanto seu pai ronca baixinho ali embaixo, Bird escorrega a mão para dentro da fronha e tateia os cantos indistintos do envelope. Com cuidado, retira a carta e abre. Ele tem uma lanterna no beliche de cima para poder ler enquanto o pai está dormindo, e então a acende.

À meia-luz, os gatos são um emaranhado de ângulos e curvas. Uma mensagem secreta? Um código? Letras nas listras talvez, na ponta das orelhas ou na curvatura dos rabos? Ele vira e desvira o papel, acompanha com o facho as linhas traçadas em canetinha. Num

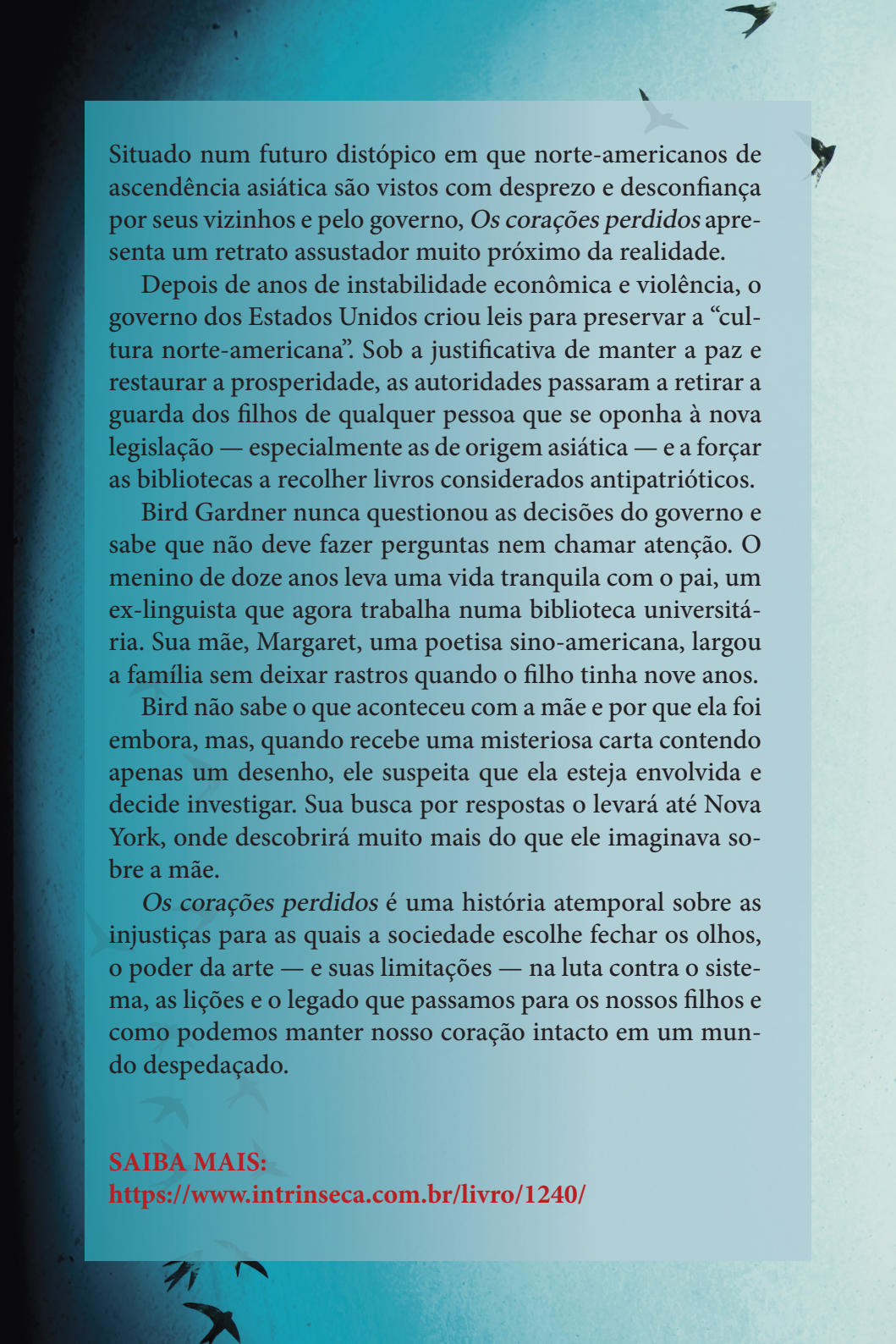
gato tigrado, pensa que enxergou um M; a pata arqueada de um gato preto parece um S ou quem sabe um N. Mas ele não consegue ter certeza.

Ele está a ponto de guardar a carta quando vê algo, destacado intensamente pelo pequeno círculo de luz, como se fosse uma lupa. No canto inferior, onde ficaria o número da página, ele vê um retângulo do tamanho da unha do seu mindinho. Dentro dele há outro retângulo, um pouco menor. Os gatos ignoram aquilo, é claro. Nem dá para ver a figura no meio deles, a menos que se olhe de perto. Mas aquilo chama a atenção de Bird. O que será? Uma moldura sem nada dentro, talvez. Uma TV antiquada com a tela vazia. Uma janela com uma vidraça plana.

Ele estuda o desenho. Um ponto num dos lados, duas minúsculas dobradiças do outro. Uma porta. Uma porta numa caixa, um armário bem fechado. Uma leve brisa faz esvoaçar uma página no fundo do seu cérebro, que logo em seguida torna a se aquietar. Uma história que a mãe lhe contou muito tempo atrás. Ela via contando histórias: contos de fadas, fábulas, lendas, mitos, um arco-íris de lindas e variadas mentiras. Mas, agora que está vendo aquele desenho, ele parece familiar. Gatos, um armário e um menino. Ele não lembra exatamente, mas sabe que a memória está lá. Como era mesmo?

*Era uma vez. Era uma vez... um menino que adorava gatos.*

Ele aguarda, torcendo para a voz da mãe voltar e completar a história. Uma bola é empurrada ladeira abaixo. Mas tudo o que ouve é a respiração do pai. Não consegue lembrar como era a voz da mãe. A voz que escuta na cabeça é a dele mesmo.



Situado num futuro distópico em que norte-americanos de ascendência asiática são vistos com desprezo e desconfiança por seus vizinhos e pelo governo, *Os corações perdidos* apresenta um retrato assustador muito próximo da realidade.

Depois de anos de instabilidade econômica e violência, o governo dos Estados Unidos criou leis para preservar a “cultura norte-americana”. Sob a justificativa de manter a paz e restaurar a prosperidade, as autoridades passaram a retirar a guarda dos filhos de qualquer pessoa que se oponha à nova legislação — especialmente as de origem asiática — e a forçar as bibliotecas a recolher livros considerados antipatrióticos.

Bird Gardner nunca questionou as decisões do governo e sabe que não deve fazer perguntas nem chamar atenção. O menino de doze anos leva uma vida tranquila com o pai, um ex-linguista que agora trabalha numa biblioteca universitária. Sua mãe, Margaret, uma poetisa sino-americana, largou a família sem deixar rastros quando o filho tinha nove anos.

Bird não sabe o que aconteceu com a mãe e por que ela foi embora, mas, quando recebe uma misteriosa carta contendo apenas um desenho, ele suspeita que ela esteja envolvida e decide investigar. Sua busca por respostas o levará até Nova York, onde descobrirá muito mais do que ele imaginava sobre a mãe.

*Os corações perdidos* é uma história atemporal sobre as injustiças para as quais a sociedade escolhe fechar os olhos, o poder da arte — e suas limitações — na luta contra o sistema, as lições e o legado que passamos para os nossos filhos e como podemos manter nosso coração intacto em um mundo despedaçado.

**SAIBA MAIS:**

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1240/>